



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS / SOCIOLOGIA

Priscila Cabral Nascimento

SOBRE O SUICÍDIO E SUAS CAUSAS: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE DURKHEIM

Imperatriz

2021

PRISCILA CABRAL NASCIMENTO

SOBRE O SUICÍDIO E SUAS CAUSAS: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DE DURKHEIM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Maranhão como pré-
requisito à obtenção do grau de Licenciado em
Ciências Humanas / Sociologia.

Orientador: Prof.º Dr. Agnaldo Silva

Imperatriz

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Nascimento, Priscila Cabral.

Sobre o suicídio e suas causas: Uma discussão a partir
de Durkheim / Priscila Cabral Nascimento. - 2021.

21 f.

Orientador(a): Agnaldo José da Silva.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz- Maranhão, 2021.

1. Anomia. 2. Contemporaneidade. 3. Individualismo.
4. Suicídio. I. Silva, Agnaldo José da. II. Título.

PRISCILA CABRAL NASCIMENTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Ciências Sociais Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como pré-requisito para obtenção de título de licenciado em Ciências Humanas- Sociologia.

Aprovado em: _____/_____/_____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Agnaldo da Silva
(Orientador)

Prof. Dr. Jesus Marmanilo Pereira
(Examinador)

Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por tudo. Agradeço a mim por acreditar, por nunca desistir, por ser generosa e sempre usar da empatia para com o próximo, por tentar sempre fazer mais o certo do que o errado e por ter conseguido chegar a uma etapa tão importante, mesmo diante de dificuldades e obstáculos que foram ultrapassados nessa árdua jornada acadêmica.

Aos professores e professoras que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Agnaldo Silva por sua paciência, disponibilidade e confiança por partilhar comigo a construção deste trabalho.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o fenômeno do suicídio na sociedade contemporânea a partir do estudo elaborado por Durkheim. Na época da pesquisa do sociólogo francês prevaleciam as explicações que associavam essa prática a fatores psicológicos, em especial, a problemas mentais. Na atualidade ainda predomina as explicações de profissionais da área da saúde, sendo pouco os estudos na área das ciências sociais. A presente proposta visa ressaltar os condicionantes sociais do suicídio, sem, no entanto, contrapor o individual ao coletivo ou defender o argumento de que o suicídio só pode ser compreendido sociologicamente. Como se trata de um fenômeno multifacetado e complexo, situado no limiar do social e do individual, não cabe sustentar o argumento de que o suicídio é um fato social na acepção de Durkheim. Para compreensão desse objeto de estudo buscou-se realizar uma abordagem teórico-bibliográfica, a partir da consulta de livros e artigos que discutem o fenômeno do suicídio na contemporaneidade, mas tomando como referência e base o clássico de Durkheim, "O suicídio: estudo de sociologia". Após uma breve introdução, apresenta e discute a abordagem de Durkheim sobre aqueles que se entregam à morte voluntária. Em seguida, discute a questão do suicídio na contemporaneidade. Apesar da inegável contribuição de Durkheim, sobretudo ao mostrar a força da sociedade agindo sobre o indivíduo e apontar como o suicídio nas sociedades contemporâneas está intimamente associado à integração do indivíduo ao corpo social, o presente estudo questiona alguns pressupostos que o sociólogo francês assume e alguns resultados que ele chega. Conclui apontando que nem os profissionais da área de saúde e, muito menos a comunidade científica de sociólogos e cientistas sociais, tem conseguido prescrever um remédio que pudesse ao menos conter o avanço das taxas sociais de suicídio.

Palavras-chave: Suicídio. Anomia. Individualismo. Contemporaneidade.

ABSTRACT

This article aims to discuss the phenomenon of suicide in contemporary society based on the study developed by Durkheim. At the time of the French sociologist's research, explanations that associated this practice with psychological factors, in particular with mental problems, prevailed. Currently, explanations from health professionals still predominate, with few studies in the area of social sciences. This proposal aims to highlight the social conditions of suicide, without, however, contrasting the individual with the collective or defending the argument that suicide can only be understood sociologically. As this is a multifaceted and complex phenomenon, situated on the threshold of the social and the individual, it is not possible to sustain the argument that suicide is a social fact in Durkheim's sense. To understand this object of study, we sought to carry out a theoretical-bibliographic approach, from the consultation of books and articles that discuss the phenomenon of suicide in contemporary times, but taking as reference and base Durkheim's classic, "Suicide: study of sociology". After a brief introduction, it presents and discusses Durkheim's approach to those who surrender to voluntary death. Then,

it discusses the issue of suicide in contemporary times. Despite Durkheim's undeniable contribution, especially when showing the strength of society acting on the individual and pointing out how suicide in contemporary societies is closely associated with the integration of the individual into the social body, the present study questions some assumptions that the French sociologist assumes and some results that he gets. It concludes by pointing out that not even health professionals, much less the scientific community of sociologists and social scientists, have managed to prescribe a remedy that could at least contain the advance of social suicide rates.

Keywords: Suicide. Anomie. Individualism. Contemporaneity.

Introdução

Um dos estudos mais importantes e instigantes da sociologia é o realizado por Émile Durkheim sobre o suicídio, publicado originalmente em 1897. Era comum, até então, explicar o suicídio a partir de fatores psíquicos e subjetivos por parte daqueles que ultrapassavam as barreiras estabelecidas pela sociedade ou pela religião e entregavam-se à morte voluntária. A loucura e o distúrbio mental eram a principal causa desse tipo de morte na interpretação de médicos, sanitaristas e pensadores sociais da época.

Durkheim (2000) rejeita esse tipo de explicação e procura mostrar que as causas do suicídio são exteriores aos indivíduos. Enquanto fenômeno social, o suicídio não pode ser explicado adequadamente a partir da intenção do indivíduo de se matar ou da análise de casos particulares desse tipo de morte. As causas do suicídio são sociais, por isso, devem ser analisadas pela sociologia e não pela psicologia. Esse autor argumenta que se as causas do suicídio fossem individuais os índices sociais desse tipo de morte variariam arbitrariamente de ano para ano. Mas não é o que acontece. As taxas sociais de suicídio se desenvolvem regularmente ao longo do tempo numa dada sociedade. As variações dos índices de mortes voluntárias sofrem a inflexão de fatores socioeconômicos e políticos por que passa a sociedade em questão e devem ser entendidos à luz dessas conjunturas sociopolíticas.

O foco da análise de Durkheim são as taxas sociais de suicídio, isto é, o conjunto de mortos voluntários numa dada época e sociedade. Utilizando uma quantidade significativa de dados estatísticos, ele compara as taxas sociais de suicídio de vários países da Europa e identifica as causas desse tipo de morte como sendo sociais. São fatos sociais e, como tais, existem exteriormente aos indivíduos e exercem sobre as consciências particulares uma coerção e uma força que, para muitos, se torna irresistível.

Segundo Durkheim, fato social “consiste em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele” (2007, p.3). Reconhece-se, então, um fato social por suas características essenciais: a exterioridade, a coercitividade e a generalidade.

O fato social é exterior por já se encontrar pronto e constituído na sociedade antes mesmo do nascimento dos indivíduos que virão a compô-la. É coercitivo por exercer uma força moral sobre os indivíduos, ou seja, o indivíduo é coagido a agir de determinada maneira ou deixar de agir em função dos fatos sociais que se lhe impõem e é geral por atingir todas as esferas da sociedade e seus participantes.

Para o autor, o fato social é uma realidade que não se pode negar e cabe ao pesquisador apenas analisá-lo de forma objetiva, afastando suas pré-noções e tratando-o como uma coisa, como algo que se impõe à observação e que existe independentemente da consciência do observador. Influenciado pelo positivismo, Durkheim acreditava na possibilidade de se produzir um conhecimento neutro e objetivo da realidade social, ou seja, o pesquisador não apenas pode como deve afastar todos os seus preconceitos e pré-noções, desde a problematização do objeto a ser investigado até as conclusões da pesquisa.

Com vistas a estudar o suicídio, Durkheim recorre ao seu próprio método de investigação. Busca compreendê-lo objetivamente, como uma realidade que se impõe à observação. Levando em conta o estudo elaborado por Durkheim, uma questão se levanta: podemos compreender o suicídio na atualidade objetivamente, como um fato social? Talvez em razão dos pressupostos positivistas que o conceito de fato social carrega devêssemos reformular essa pergunta. Nessa tentativa de considerarmos o estudo de Durkheim e não flertarmos tão abertamente com o positivismo, a questão que se coloca é: as causas do suicídio são de fato sociais?

Os apressados diriam que sim, mas a realidade sempre é mais complexa do que costuma parecer à primeira vista. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera “que 90% das pessoas que têm morte auto infligida possuem diagnóstico de distúrbio mental – a maioria, por depressão” (MINAYO, FIGUEIREDO, MANGAS, 2017, p. 983). Além disso, a despeito do estudo seminal de Durkheim sobre o suicídio, é preciso reconhecer que “há uma escassez de trabalhos sociológicos sobre o fenômeno... Em contrapartida, principalmente nos seus periódicos especializados, abundam trabalhos sobre o suicídio na área da saúde, inclusive de psicólogos e psicanalistas que aí se inserem” (QUEIROZ, 2020, p. 1455).

A despeito do fato de predominar estudos na área da saúde, os quais buscam, na sua maioria absoluta, compreender o suicídio a partir do prisma da individualidade e da subjetividade humana, este estudo procura ressaltar os condicionantes sociais que contribuem para a elevação das taxas de suicídio. Não se trata de contrapor o social ao individual ou o objetivo ao subjetivo, mas de apontar para o fato de que na sociedade contemporânea o que era patológico, como é o caso da anomia, torna-se cada vez mais normal. O individualismo extremado e a anomia social tornam-se a regra, mais do que a exceção. Ocorre uma espécie de normalização do patológico. Com isso, eleva-se o número de pessoas com depressão, ansiedade e pânico. Eleva-se também o consumo e a dependência de medicamentos, em especial, os antidepressivos. Esse estado de desregramento social, individualismo e vulnerabilidade social,

psíquica e emocional parece ser um ambiente propício para o florescimento do comportamento suicida.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo discutir o fenômeno do suicídio na sociedade contemporânea a partir do clássico estudo de Durkheim sobre este tema, procurando ressaltar os condicionantes sociais do suicídio, sem, no entanto, contrapor o individual ao coletivo ou defender o argumento de que o suicídio só pode ser compreendido sociologicamente. Por se tratar de um fenômeno plural e multifacetado, todas as abordagens podem lançar um pouco de luz sobre esse fenômeno que, em muitos aspectos e campos do conhecimento, ainda permanece na penumbra e obscuridade. “As luzes avançam, mescladas indissociavelmente ao seu contrário” (LIPOVETSKY, 2009, p. 19).

A despeito da consulta de livros e artigos que discutem na atualidade o fenômeno do suicídio, o principal referencial teórico que baliza este estudo é o livro Durkheim, *O suicídio*. Optou-se pela adoção de uma abordagem e discussão teórico-bibliográfica sem a presença de trabalho de campo. Nesse primeiro momento, propõe-se apresentar e discutir a perspectiva de Durkheim sobre aqueles que se entregaram à morte voluntária, para depois, num segundo momento, refletir sobre esse tipo de morte na sociedade contemporânea.

O suicídio na perspectiva de Durkheim

O suicídio é um dos temas mais antigos relacionados à saúde dos indivíduos, estando presente nas discussões e debates públicos desde à Grécia Antiga. Com o advento da Modernidade e a instauração da sociedade industrial, esse fenômeno passa a estar mais presente no cotidiano das pessoas. Na Europa dos séculos XVIII e XIX predominavam as explicações médicas e psicológicas como as principais causas do suicídio, ganhando destaque também importantes trabalhos e estudos na área da estatística e da demografia. Conforme Queiroz (2020, p. 1457), “apesar da contribuição original dos médicos alienistas e estatísticos, seus estudos sobre o suicídio ou desconsideravam o fator social ou este era tomado de forma indireta, inconclusa.”

Uma exceção, além do estudo de Durkheim no final do século XIX, é o trabalho publicado por Karl Marx em 1846 sobre o suicídio. Este estudo é fruto de um relatório de um ex-diretor do arquivo da polícia francesa chamado Jacques Peuchet. Marx compila alguns excertos desse trabalho de Peuchet, o traduz para o alemão e tece alguns comentários, mas praticamente preserva as ideias e o escrito original do “coautor” francês para mostrar que não

precisa ser historiador, economista ou socialista para tecer fortes críticas à sociedade burguesa, sobretudo ao patriarcado e à tirania familiar que as mulheres estão sujeitas na sociedade moderna, independentemente da classe social a que pertencem. O suicídio é explicado pela tirania e opressão dos homens sobre as mulheres e pelas mazelas e injustiças sociais provocadas pela sociedade burguesa. Fica evidente que as causas do suicídio são exteriores aos indivíduos (MARX, 2006).

É preciso lembrar que o século XVIII foi marcado por grandes transformações sociais. Os filósofos e pensadores do iluminismo, pautados na crença na razão humana, acreditavam ser possível mudar não apenas as estruturas de pensamento, herança da sociedade feudal, mas a própria ordem social vigente. A Revolução Industrial representou mudanças estruturais de várias ordens na Europa, a começar pela Inglaterra. Com ela, intensificou-se a exploração de uns sobre outros, acirrou a concentração de riquezas nas mãos de uns poucos, a produção passou a ser em larga escala a partir de novos modelos e arranjos produtivos e houve uma importante concentração de trabalhadores nas cidades, além da formação do proletariado, a classe que vive do trabalho. A Revolução Francesa (1789), da mesma forma, promoveu significativas mudanças na estrutura social e política da sociedade moderna. Conforme Lemos Filho (1987, p. 25) essas duas revoluções, a Industrial e a Francesa, provocaram “crises e desordens na organização da sociedade”.

Essa reconfiguração da sociedade, marcada por “crises e desordens”, se estenderá até o século XIX, culminando na desintegração social, no aumento dos índices de homicídio e de suicídio, em epidemias e outros problemas urbanos e sanitários, entre tantas outras mazelas sociais que precisavam ser explicadas racional e cientificamente. Será nesse contexto de dupla revolução, a Industrial e a Francesa, e de intensas transformações sociais que a sociologia nascerá (HOBSBAWM, 2007, p.15).

Émile Durkheim¹, influenciado pelo positivismo, empenhou-se na criação de uma ciência que se dedicasse ao estudo da sociedade, procurando construir um objeto de estudo próprio para a Sociologia, sendo ela autônoma, com caráter próprio e independente da Filosofia e Psicologia. Para ele, os fenômenos a serem pesquisados pelo sociólogo devem ser vistos como

¹ David Émile Durkheim (1858-1917): Sociólogo, considerado o pai da Sociologia Moderna e chefe da chamada Escola Sociológica Francesa. É o criador da teoria da coesão social. Junto com Karl Marx e Max Weber, formam um dos pilares dos estudos sociológicos. Principais obras: *Da Divisão do Trabalho Social* (1893), *As Regras do Método Sociológico* (1895) *O Suicídio: Um Estudo de Sociologia*, 1897.

uma “coisa”, como um fato que se impõe à observação. Assim, a realidade deve ser estudada como ela é e não como deveria ser.

Durkheim se esforça para declarar a autonomia e a especificidade da sociologia e para isso a distingue da Psicologia e da Filosofia. [...] Para ele, a sociologia é uma ciência autônoma e distinta das demais e isso se revela principalmente no seu objeto de estudo, bem como se distingue da Filosofia em razão de sua objetividade e pelo fato de se remeter ao empírico (VIANA, 2006, p. 31).

Durkheim define como objeto de estudo da sociologia os fatos sociais. Estes, são descritos por ele como fenômenos que não podem ser redutíveis a produtos do pensamento e da vontade individual, isto porque são externos aos indivíduos e se impõem a eles, exercendo sobre as consciências particulares uma coerção.

A sociedade como um todo, na ótica desse autor, transcende as consciências particulares, exercendo sobre os indivíduos uma força moral sem igual. A sociedade, a despeito de ser formada por indivíduos, possui uma vida própria, independentemente dos membros que a compõe. Trata-se de uma entidade *sui generis* que não pode ser reduzida à soma dos indivíduos que a compõem. Ao existir fora das consciências individuais, ela exerce uma força moral muito grande sobre os indivíduos. O suicídio, mais precisamente, as correntes suicidógenas são uma expressão dessa força moral que a sociedade exerce sobre os indivíduos.

A partir do princípio de que o social se explica pelo social e considerando o suicídio como um fato social, Durkheim elabora um estudo detalhado sobre esse fenômeno produzido pela sociedade. Esta, produz a cada época um contingente regular de mortos voluntários. O autor procura mostrar que apesar do ato em si do suicídio ser praticado pelo indivíduo, e não poderia ser diferente, as causas desse fenômeno são sociais. A sociedade penetra no mais íntimo do ser humano, modulando suas crenças, práticas e representações.

Em cada país analisado Durkheim observa que a sociedade define um contingente mais ou menos definido de mortos voluntários a cada ano, sendo que os indivíduos que comporão as estatísticas de suicídios dos próximos anos já estão sendo preparados no presente. Essa regularidade das taxas sociais de suicídio são indicadores de que as causas desse tipo de morte em que vítima e autor se confundem são sociais. Nas palavras desse autor, “já que cada ano conta com um número igual de suicidas, a corrente não atinge de uma só vez todos aqueles que ela pode e deve atingir. Os indivíduos que ela atingirá no próximo ano já existem agora” (DURKHEIM, 2000, p. 418).

O sociólogo francês observou que as taxas sociais de suicídio se desenvolvem por uma espécie de ondas de movimento e que essas variações devem ser entendidas à luz das transformações que ocorrem no seio da sociedade em questão. Quando a sociedade é perturbada ocorrem “bruscas ascensões da curva de suicídios” (DURKHEIM, 2000, p. 320).

Mas o que é suicídio? No entendimento de Durkheim, “Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (2000, p. 14). Ganha destaque nessa definição o fato de que, ao estabelecer o critério da intencionalidade ou da consciência do autor para que se configure o suicídio, Durkheim descarta a existência de suicídio entre os animais.

Ao descartar explicações que associavam o suicídio a fatores psicológicos como era o caso de Esquirol que dizia que “o homem só atenta contra a sua vida quando está em delírio, e os suicidas são alienados” (DURKHEIM, 2000, p. 32) e explicações que associavam esse tipo de morte ao clima, ao alcoolismo ou à imitação individual, o sociólogo francês procurou mostrar que as taxas sociais de suicídio são inversamente proporcionais ao grau de coesão do indivíduo na sociedade moderna.

Se as mulheres estão mais protegidas do que os homens contra esse tipo de morte isso não se deve a fatores biológicos, mas a causas sociais. Igualmente, se os casados são menos vulneráveis do que os celibatários, isso deve ser explicado pelo freio moral que o casamento exerce contra a tendência suicida. A religião, por sua vez, também exerce seu papel moderador contra esse tipo de morte, mas “a religião protege contra o suicídio não por respeito à pessoa humana, mas por ela ser uma sociedade” (DURKHEIM, 2000, p. 203).

Durkheim classifica o suicídio em três tipos principais. São causas sociais distintas que arrastam a cada ano um contingente de indivíduos à morte voluntária. O suicídio egoísta é fruto da sociedade moderna e decorre do enfraquecimento dos laços sociais que prendem o indivíduo à sociedade. Conforme esse autor, o individualismo excessivo é a causa principal desse tipo de morte, sendo que o egoísmo não é simplesmente um fator que contribui para aumentar as estatísticas daqueles que se matam; antes, constitui a sua própria causa geradora. “O tipo de suicídio atualmente mais difundido e que mais contribui para aumentar o número anual de mortes voluntárias é o suicídio egoísta. O que o caracteriza é um estado de depressão e de apatia produzido por uma individuação exagerada” (DURKHEIM, 2000, p. 463).

O suicídio altruísta, por sua vez, é caracterizado pelo excesso de regulamentação e fidelidade às estruturas sociais. Nesse caso, ele se mata não porque os laços que o prendem a

vida se romperam, devido ao grau excessivo de individuação, mas porque ele está muito integrado à sociedade. Conforme Durkheim (2000, p. 274), “para que a sociedade possa assim coagir alguns de seus membros a se matar, é preciso que a personalidade individual, então, tenha muito pouca importância.” No suicídio altruísta o indivíduo não se mata por razões egoístas. Pelo contrário, ele sente o dever de doar sua vida em prol do grupo social de que faz parte ou para não servir de peso aos seus familiares. “O indivíduo se mata porque sua consciência lhe ordena; ele se submete a um imperativo. Seu ato também tem como nota dominante a firmeza serena dada pelo sentimento do dever cumprido” (DURKHEIM, 2000, p. 363).

Um terceiro tipo de suicídio é o anômico. Este, da mesma forma que o egoísta, é típico da sociedade moderna. Seus traços característicos são as crises sociais generalizadas e a pouca regulamentação social. Como os laços sociais que prendem o indivíduo à vida estão frouxos qualquer perturbação na ordem social pode elevar os índices de suicídio. Durkheim diz que “é um fato conhecido que as crises econômicas têm uma influência agravante sobre a propensão ao suicídio” (2000, p. 303). Mas a anomia não é responsável apenas pelos suicídios ocasionados no mundo comercial e empresarial, a esfera doméstica e familiar também sofre os abalos de crises e desordens. Para Durkheim, há uma nítida correlação entre o divórcio e o aumento do número de mortes voluntárias.

O termo anomia significa “ausência de regras ou normas” e resulta do enfraquecimento dos laços sociais que regulam a vida em sociedade. Segundo Durkheim, a anomia é um “fator regular e específico de suicídios nas sociedades modernas” (2000, p. 328). Esse estado de desregramento social e moral está ligado à mudança da solidariedade mecânica, característica das sociedades tradicionais, para a solidariedade orgânica, característica das sociedades modernas. Isso corresponde a um período em que a moral e a consciência coletiva estão enfraquecidas e que o individualismo faz em parte a consciência coletiva perder sua capacidade agregadora. Para ele:

A anomia é, portanto, em nossas sociedades modernas, um fator regular e específico de suicídios; é uma das fontes em que se alimenta o contingente anual. Por conseguinte, estamos diante de um novo tipo, que deve ser distinguido dos outros. Difere deles na medida em que depende não da maneira pela qual os indivíduos estão ligados à sociedade, mas da maneira pela qual ela os regulamenta [...] tem como causa o fato de sua atividade se desregrar e eles sofrerem com isso. Por sua origem, daremos a essa última espécie o nome de suicídio anômico (DURKHEIM, 2000, p. 328-329).

A partir dessas considerações, é possível dizer que com a modernidade e o enfraquecimento da consciência coletiva há um aumento significativo da anomia e do estado de desintegração social, tornando os indivíduos muito mais vulneráveis às crises que abalam o tecido social. A questão é que “o estado de crise e de anomia é constante e, por assim dizer, normal” (DURKHEIM, 2000, p. 325). Para esse autor a anomia, na medida em que é um fator regular e específico de suicídios nas sociedades modernas, “depende não do modo como os indivíduos estão ligados à sociedade, mas da maneira como esta os regulamenta... decorre de que as atividades dos homens estão desregradas e que isto os faz sofrerem” (2000, p. 328, 329).

O suicídio na sociedade contemporânea

Em uma sociedade que rompeu os laços de sociabilidades tradicionais é possível observar que o suicídio está relacionado, em muitos casos, a situações de convulsão social. Isso porque os indivíduos estão sujeitos aos dilemas postos pela contemporaneidade em termos de relações interpessoais e à própria dinâmica da vida social que valoriza a instabilidade e a insegurança, fazendo com que os trabalhadores de todo tipo fiquem à deriva da sociedade, de estruturas sociais mais sólidas e de carreiras profissionais construídas a longo prazo (SENNETT, 2007). Acrescente-se a isso o fato de que “quando as pessoas não podem exercer suas profissões, muitos se sentem frustrados e isso pode contribuir para o despertar do comportamento suicida” (LIONÇO, 2009, p. 52).

Com a perspectiva da pós-modernidade e seu padrão dominante de afrouxamento dos freios e da rigidez moral com a crescente fluidez... Definida como o tempo das incertezas, do esvaziamento dos valores, do imediatismo, da substituição da ética pela estética, do hedonismo e do niilismo, a pós-modernidade parece um espaço fecundo para as situações de anomia (BARBOSA, 2013, p. 9046).

Na contemporaneidade, “em termos globais, a mortalidade por suicídio aumentou 60% nos últimos 45 anos” (BEZERRA FILHO et al., 2012, p.833). Segundo a Organização Mundial da Saúde, 79% dos suicídios no mundo ocorrem em países de baixa e média renda, chamando atenção para o aumento das taxas entre jovens na faixa etária de 15 a 29 anos.

Uma das características da sociedade moderna é o individualismo e o culto à personalidade individual. “Os indivíduos atomizados, absorvidos consigo mesmos, estão poucos dispostos a considerar o interesse geral, a renunciar aos privilégios adquiridos; a construção do futuro tende a ser sacrificada às satisfações das categorias e dos indivíduos do presente” (LIPOVETSKY, 2009, p. 14).

O individualismo é, assim, o traço fundamental da modernidade. Devemos a ele nossa liberdade: liberdade de culto (e de não cultuar), liberdade de expressão, direitos garantidos por constituições, direitos que protegem minorias contra a tirania das majorias, liberdade, em suma, de conduzir nossas vidas como bem entendermos - desde que não violemos a liberdade de outrem. (BOSCO, 2019, p. 1)

Nas sociedades plurais da atualidade não existe uma pressão no sentido de que cada indivíduo em particular precisa ser igual a todos os demais. Pelo contrário, a pressão social é no sentido de se valorizar as diferenças. “Ser diferente é normal”. Isto não significa que as minorias deixem de ser perseguidas, pois os valores e práticas numa sociedade de classes e numa cultura plural nunca são homogêneos. A tensão existe e ela não pode ser negada.

Precisamente uma tal relação tem de gerar um forte individualismo, pois não é o isolamento em si que aliena e distancia os homens, reduzindo-os a si próprios. Pelo contrário, é uma forma específica de se relacionar com eles, de tal modo que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro, que provoca o individualismo. (SIMMEL, 1998, p-27)

Então, como indivíduos tão diferentes podem viver no mesmo espaço? O que permite a nossa vida em sociedade, o que faz com que continuamos vivendo em coletividade, em grupo, mantendo esses laços de coesão, é o que Durkheim chama de solidariedade social. Para esse autor, há dois tipos básicos de solidariedade, a mecânica e a orgânica, sendo que a primeira corresponde à forma como os indivíduos estavam ligados entre si e ao seu grupo nas sociedades primitivas. Nesse tipo de sociedade predominava a mentalidade do grupo, na medida em que a consciência coletiva era forte e praticamente não havia espaço para a manifestação da personalidade individual. O que unia os indivíduos eram as semelhanças (DURKHEIM, 1999).

O tipo de solidariedade que liga os indivíduos à sociedade moderna, por sua vez, é a orgânica. Nesse caso, o que une os indivíduos são as suas diferenças e a interdependência de uns em relação aos outros. A solidariedade orgânica é derivada da divisão do trabalho e, em razão disso, o grau de individuação é acentuado. Se nas sociedades primitivas o indivíduo era um objeto de que a sociedade dispunha, na sociedade moderna, por sua vez, o indivíduo tem mais liberdade para manifestar sua individualidade e, com isso, está menos sujeito aos freios morais que o protegiam contra o suicídio outrora. Quando a sociedade falha em regulamentar a vida social, ela entra num estado de anomia social.

Com isso, quando se criam na sociedade “espaços anômicos” (perda de referências normativas por um indivíduo ou um grupo), a solidariedade social enfraquece, destruindo o equilíbrio entre as necessidades e os meios para a sua satisfação. O resultado é que a vida se desregra e o indivíduo, sentindo-se “livre” de vínculos

sociais, sofre porque perde suas referências, vivendo um “vazio” e sendo levado à autodestruição (BARBOSA, 2013, p. 9057).

A despeito de se tratar de causas diferentes, há uma afinidade entre o suicídio egoísta e o anômico. Na medida em que a sociedade moderna dissolve os antigos laços de sociabilidade e acentua o individualismo, os laços que prendem o indivíduo à vida se tornam cada vez mais frouxos, tanto em razão do individualismo exacerbado como a ausência de regras e normas que servem de freio moral contra a prática do suicídio.

O estado anômico é uma condição peculiar da sociedade moderna... na qual os valores, a moral e a ética são determinados pelo enriquecimento material e individualismo das pessoas, fazendo com que se entreguem as suas paixões e vivam apenas para si mesmos, inexistindo solidariedade e cooperação entre os membros da sociedade, conseqüentemente, uma não consciência que priorize o coletivo e o social. (FORMIGA, 2012, p-81)

A partir disso é possível observar que a ausência de regras e o enfraquecimento da consciência coletiva elevam as taxas sociais de suicídio. Com a ruptura dos antigos laços de sociabilidade a vida em sociedade torna-se mais instável e sujeita às crises e desordens, que também se tornam mais frequentes. Esse desregramento social quase sempre se traduz em sofrimentos pessoais, além de revelar a falha da sociedade em oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento da subjetividade de seus membros.

“Para o suicídio, fatores largamente conhecidos influenciam na negação de registro, tais como os efeitos do estigma social [...] e outras questões de caráter social” (MOREIRA, M, R; RIBEIRO, J, M., 2018. p. 2827). Assim, “compreender as causas sociais é tão crucial para se ter um diagnóstico mais preciso sobre o fenômeno do suicídio em cada contexto específico” (WEISS, 2017, p.24).

Segundo a Organização Mundial de Saúde:

A cada 40 segundos, uma pessoa atenta contra sua própria vida. Os dados revelam que entre pessoas de 15 a 29 anos de idade, o suicídio é a segunda principal causa geral de morte e que 79% dos suicídios no mundo ocorreram em países de baixa e média renda, e com altas taxas entre jovens e idosos. Sendo que a maior mortalidade por suicídio situa-se entre os mais idosos, apesar do crescimento estar mais acelerado entre os mais jovens (OMS, 2019. p.09).

É preciso reconhecer que existem fatores sociais que protegem o indivíduo contra o suicídio, mas, de um modo geral, a sociedade falha em criar antídotos eficazes para esse tipo de morte para uma parcela significativa de pessoas na atualidade. Com as estatísticas é possível

observar que o elevado índice de ocorrência de suicídio está relacionado a fatores sociais, que abrange questões de gênero, sexualidade, preconceitos étnicos, raciais e estigmas associados a uma tentativa de encaixe em um modelo “perfeito” dentro da sociedade, revelando um distanciamento do real e uma parca integração do indivíduo na sociedade. Grupos vulneráveis, principalmente de jovens que estão sujeitos aos dilemas postos pela contemporaneidade, tornam-se potenciais vítimas da morte voluntária.

A própria OMS reconhece que “indivíduos que tenham sofrido violência sexual e/ou doméstica, agressão moral ou psicológica nas fases da infância e adolescência, vítimas de homofobia, racismo e xenofobia, ou pessoas em situação de vulnerabilidade social têm maior risco a cometerem o suicídio” (OMS, 2019. p.11).

Quanto aos idosos, percebe-se nitidamente que as altas taxas de suicídio a que estão submetidos decorre, em grande medida, da ineficácia da integração social destes à sociedade. Num estudo realizado por Minayo, Figueiredo e Mangas (2017) com idosos institucionalizados que intentaram contra suas próprias vidas, essas autoras demonstraram que a maioria desses idosos eram pobres e se encontravam em situação de vulnerabilidade social, tendo uma história de vida marcada pela pouca escolaridade e por condições precárias de existência. A maioria deles, homens e mulheres, tinham algum tipo de ressentimento por terem sido abandonados pelos familiares. Essas autoras concluem que “o final da existência é o ápice de um curso de vida de sofrimento” (MINAYO, FIGUEIREDO; MANGAS, 2017, p. 983).

Para Weiss “o ser humano é um ser social, portanto, aquilo que somos depende de nossa interação com o meio social que nos circunda” (2017, p.24). Em razão disso, os imigrantes, os indígenas e os refugiados, além de outros grupos minoritários, por não se enquadrarem no modelo de cultura hegemônica, tornam-se mais vulneráveis e elevam as taxas sociais de suicídio. A pobreza e a precarização das formas de trabalho e de vida que limita o acesso à educação e aos bens de consumo, materiais e simbólicos, agrava ainda mais essa situação.

O nível educacional, a situação de desemprego e a renda familiar, assim como o estado civil, definem o status econômico e social do indivíduo, o que proporciona distintos níveis de preocupação e estresse. A vivência decorrente do status social ocupado se expressa ainda de maneira divergente dependendo da cultura local e dos significados compartilhados pelos integrantes do grupo, podendo provocar sentimentos de insatisfação e frustração que causam sofrimento psíquico. (MACHADO; SANTOS, 2015, p. 51).

Em algum sentido é possível observar que o conservadorismo social se mostra como um fato social no sentido atribuído por Durkheim. Por mais que as sociedades contemporâneas

sejam dinâmicas e abertas ao pluralismo, os valores e crenças conservadoras, derivadas de uma longa tradição histórico-religiosa, modelam as representações e práticas de uma parcela significativa de atores sociais. Esse conservadorismo tem se refletido na intolerância cultural e religiosa contra membros da comunidade LGBT² (RIBEIRO; SCORSOLINI-COMIN, 2017). E caso haja outros marcadores de diferença social, como no caso da vítima ser pobre, negro(a), indígena, etc. o preconceito e ódio tornam-se ainda maiores (NECCHI, 2017).

Além disso, no contexto social em que o uso da tecnologia é constante e o uso de perfis nas redes sociais são muito comuns, muitas pessoas se frustram por não se enquadrarem nos padrões de beleza, estética ou estilo de vida estabelecidos pela mídia. Para muitos destes, ao se compararem com as personalidades midiáticas das redes sociais, acabam acreditando que suas vidas são insignificantes e não tão boas quanto à de seus ídolos midiáticos, podendo resultar em frustração e perda de sentido da vida.

[As] mídias sociais, em razão da capacidade de compartilhamento e interatividade, modificaram as formas de relacionamento entre jovens e adolescentes. Ao proporcionar, por meio de sites e aplicativos, ambiente de encontro entre indivíduos vulneráveis, se tornam fatores de risco para a saúde mental e o comportamento suicida. Jovens com transtornos mentais são usuários contundentes de redes sociais. Além do mais, conteúdos sobre práticas suicidas são postados em blogs e fóruns on-line, reforçando as ideias suicidas e a afetividade negativa de pessoas fragilizadas. (VEDANA, 2018, p.194)

Conforme Lipovetsky (2009, p. 185), “A lógica econômica realmente varreu todo ideal de permanência, é a regra do efêmero que governa a produção e o consumo dos objetos.” O que ocorre no mundo das coisas se replica na vida das pessoas, pois as relações sociais, da mesma forma que as mercadorias, se tornam efêmeras e superficiais. As teias que prendem o indivíduo à sociedade tornam-se frágeis, podendo se romper a qualquer momento.

Considerações finais

O estudo elaborado por Durkheim no final do século XIX significou um marco para se compreender o suicídio como um fenômeno social. Mesmo os estudos que priorizam a dimensão subjetiva daqueles que se matam ou possuem uma ideia suicida tendem a reconhecer a importância do trabalho do sociólogo francês. Obviamente que algumas premissas assumidas por Durkheim e resultados a que ele chega precisam ser revistos.

² Comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

Não seria o caso, por exemplo, de tratar o suicídio como uma “coisa”, como um fenômeno que pode ser explicado objetivamente, independentemente das pré-noções, percepções, apreciações ou representações pessoais. Nossas experiências, vivências, formação acadêmica, referencial teórico e cosmovisão, além de tantos outros elementos que eclipsam nossa razão ou fragmentam nossa percepção, não nos permite tratar o suicídio como um fato social, no sentido que Durkheim atribui a esse termo.

Não seria o caso também de arvorar a bandeira sociológica e afirmar que esse fenômeno só pode ser compreendido a partir deste viés. Múltiplos olhares sobre o suicídio, advindos dos diversos campo do conhecimento, podem contribuir para a construção de um saber menos fragmentário e mais holístico acerca desse fenômeno, que ainda continua sendo pouco estudado e pouco compreendido, sobretudo no campo das ciências sociais.

Talvez a grande contribuição que Durkheim nos deixa ao analisar as taxas sociais do suicídio seja a de que para uma compreensão mais holística deste fenômeno precisamos analisá-lo não fragmentariamente, mas estatística e sociologicamente, buscando compreender suas causas e não os seus efeitos particulares. Outra contribuição magistral de Durkheim foi mostrar o quão estreitamente associado este fenômeno se encontra à questão da integração entre indivíduo e sociedade. Pensar o suicídio é pensar a própria sociedade e como seus membros estão integrados ao corpo social. Se a sociedade contemporânea falha, seja por produzir uma individuação extremada ou pelo desregramento social em que se encontra, o indivíduo sofre e pode não resistir e entregar-se à morte voluntária.

Contra esse estado de anomia e desregramento social e de extrema individuação, Durkheim afirma que as corporações modernas, da mesma forma que cumpriram seu papel no passado, poderiam regular as funções sociais e econômicas e tirar a sociedade do estado de desorganização em que se encontra na atualidade. Ao que tudo indica, esse antídoto social contra as causas do suicídio, proposto por Durkheim, não tem funcionado, até mesmo porque cada vez mais imperara o desregramento social e o individualismo extremado. Contra esse mal nem os profissionais da saúde e, muito menos os das ciências sociais, tem conseguido prescrever um remédio eficaz.

Referências

- BARBOSA G. Anomia, Direito e Pós-Modernidade. *Revista do Instituto do Direito Brasileiro*, vol. 2 n° 8, p. 9043-9081, 2013.
- BENEVIDES, J.Q.; As Formas Elementares: ponto de redefinição da sociologia durkheimiana? *Sociologias* – Porto Alegre, v. 19, n° 44- p. 72-91, 2017.
- BENTHIEN, R. F.; WEISS Raquel; 100 anos sem Durkheim, 100 anos com Durkheim. *Sociologias* – Porto Alegre, v. 19, n° 44- p. 16-37, 2017.
- BEZERRA FILHO, J. G; WERNECK, G. L; ALMEIDA, R. L. F; OLIVEIRA, M. I. V; MAGALHÃES, F. B. Estudo ecológico sobre os possíveis determinantes socioeconômicos, demográficos e fisiográficos do suicídio no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 1998-2002. *Cad. saúde pública*, v. 28, n. 5, p. 833-844, 2012.
- BOSCO, F. Sobre o Individualismo. *Revista Época - Globo On-Line*, Rio de Janeiro, p. 01, 2019. <https://epoca.globo.com/cidadao-global/sobre-individualismo>(consultado em 22/04/2021).
- DURKHEIM, E. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DURKHEIM, E. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martin Fontes, 1999.
- DURKHEIM, E. *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FERREIRA, S. O problema do suicídio em Émile Durkheim. *Instituto de Ciências Humanas – PUC MG-* vol. 13, n° 18- p.13-36, 2017.
- FERREIRA, S. Os fatos e as coisas: Émile Durkheim e a controversa noção de fato social. *Ponto e Vírgula-* PUC SP- n° 20- p. 104-121, 2016.
- HOBBSAWM, E. J. *A era das revoluções. Europa - 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- LEMONS FILHO, Arnaldo. As ciências sociais e o processo histórico. In. MARCELLINO, Nelson C. *Introdução às ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1987.
- LIONÇO, T. Atenção integral à saúde e a diversidade sexual no processo transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. *Revista Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, vol. 19, n° 1, p. 43-63, 2009.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MACHADO, D. B; SANTOS, D. N. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, V. 64, N°1, 2015.
- MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FIGUEIREDO, Ana Elisa Bastos; MANGAS, Raimunda Matilde do Nascimento. O comportamento suicida de idosos institucionalizados: histórias de vida. *Physis, Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, vol. 27, n° 4, p. 981-1002, 2017.

MOREIRA, M, R; RIBEIRO, J, M. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, vol. 23 n° 9, p. 2821-2834, 2018.

NECCHI, V. Preconceito e ódio disparam o processo de suicídio na população LGBT. *IHU On-Line*, Rio Grande do Sul, n° 515- p 52-53, 2017.

Organização Mundial da Saúde. Suicídio no mundo: estimativas de saúde global. *Organização Mundial da Saúde*, 2019. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/326948>. (consultado em 20/11/2020).

QUEIROZ, José Benevides. O suicídio na sociologia brasileira. *Contemporânea*. vol. 10, n° 3, p. 1.453 – 1.480, set – dez 2020.

RIBEIRO, L M; SCORSOLINI-COMIN, F. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre, vol. 29, n° 3, p. 18, 2017.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SERRETTI, A. P.; TOMÁS SERRETTI, M. A. Conceito de fato social na obra de Émile Durkheim e suas implicações nas teorias sociológicas contemporâneas. *Âmbito Jurídico*, São Paulo, n° 90-p 24. 2011.

SIMMEL, G. *O dinheiro na cultura moderna*. (1896) In: SOUZA, J.; OELZE, B. (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 23-40. 1998.

VEDANA, K. G. G. Mídias Sociais e Suicídio. In: *SMAD. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog*. São Paulo, vol. 14 n° 4 – p. 194-194, 2018.

VIANA, N. Os pensadores clássicos da sociologia. In: *Introdução à Sociologia*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 29-67, 2006.

WEISS, R. Combate ao suicídio passa pela transformação da vida coletiva. *IHU On-Line*, Rio Grande do Sul, n° 515- p 24-27, 2017.